

IVO MACHADO: POETA QUE RE-CRIA SEU UNIVERSO AÇORIANO

Autor(a): Angelita Santos da Silva | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Língua e Literatura

Subtema: Literatura Açoriana

Referência geográfica do conteúdo: Ponta Delgada, Açores, Portugal

Data de publicação: 27/09/2008

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

Este artigo pretende mostrar a re-criação da realidade vista pelo olhar do poeta açoriano Ivo Machado. Olhar que se renova e traz a ilha como lugar de miradouro e não de clausura. Os livros *Os limos do verbo* e *Quilómetro zero*, aqui analisados, são viagens interiores e exteriores que por vezes se imbricam e se transmutam em versos poéticos.

CONTEÚDO

IVO MACHADO: POETA QUE RE-CRIA SEU UNIVERSO AÇORIANO

Angelita Santos da Silva(1)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

*A imagem nasce da alucinação e aparece, efêmera, e aquele que a
recebe transforma-a de novo, emergindo espaços que uns não
entendem, mas neles moram as forças que tantas vezes
desconhecemos de onde vêm e, perante a serenidade ou doçura, o
mundo reformula o silêncio pelos movimentos das formas que
podem ser línguas de fósseis falantes numa dança encantatória que
desvenda o mundo espantoso narrado pelo artista ... Ao fim a
consciência - porque consciência do artista maior - que a arte é uma
forma de abolição do caos.
Ivo Machado - Biscoitos, 28 de agosto de 2005(2)*

Essas palavras são Ivo Machado - poeta açoriano, da ilha Terceira, que trabalha como controlador de voo no Porto, mas se alimenta de literatura. Hegel(3) já nos dizia que a finalidade e a missão da poesia estavam em formar e dizer segundo a fantasia, sem descrever as coisas na respectiva existência prática. No desejo de manifestar sua representação do verdadeiro, Ivo Machado re-cria sua realidade, porque todo poeta é um criador de seu universo e tem por objeto todas as idéias de sua individualidade. Seus livros *Os limos do verbo*(4) e *Quilómetro zero*(5) são a representação interior de uma realidade que é trabalhada, modelada e revelada artisticamente, e que corresponde a atos e a emoções que pertencem a seus espírito e coração.

Em suas poesias, Ivo Machado descobre o sentido mais íntimo de acontecimentos que marcaram sua história e busca em sua memória traços do homem insular, de caráter vigoroso, que vive em dois mundos, ou seja, a convivência simultânea com ambas as realidades - terra e mar - sem que para isso a poesia perca sua característica de ser a arte mais livre tanto na forma quanto no conteúdo. O poeta celebra suas relações com a realidade existente ao criar poesias denominadas de circunstância. São poesias em que ele dedica a amigos e familiares, mas não sem associar à pessoa algum fato de extrema importância que leve à reflexão da sua existência como, por exemplo, no poema intitulado *2 de dezembro de 1967*(p.66), de *Os limos do verbo*, em que o poeta dedica à sua irmã Filomena:

*Na madrugada do dia 2 de Dezembro de 1967
começou a grande tristeza de minha mãe. Ainda
Neil Armstrong não pisara a lua, nem meu pai
gozava salário de gente, tão pouco conhecia
o rosto à liberdade/(no meu país - dizem estrangeiros - os utópicos
viviam sob silêncio masmorra e nó)
Enfim, marcou-me a data
por ser esse o dia da morte de minha avó.
Ao contrário de meus filhos nasci em escuridão,
como meus pais, como o meu país, mas apesar
da tristeza de minha mãe e do salário de meu pai,
de minha avó herdei uma lição: nenhum tirano
mata a poesia ou proíbe um aperto de mão.*

Diferente do que se possa imaginar, suas poesias de circunstância não recaem no vulgar nem se tornam insignificantes, porque - conforme Hegel - o poeta não aceita a circunstância exterior como um fim essencial e não usa a poesia como um meio para realizar esse fim; mas, sim, para incorporar a matéria dessa realidade na sua própria substância, pois lhe dá forma e a desenvolve através de sua própria liberdade de fantasiar e re-contar a realidade, realizando um acordo entre as existências exteriores e a sua essência mais íntima, como ocorre no poema *Iluminura* (p.43), de *Quilómetro zero*, dedicado ao seu filho Bernardo:

*Tristes maçãs de poeira sobrando entre as árvores.
O fruto do bem e do mal emerge da carne em sangue.
Percorre-as a luz, sobra a reserva das palavras que amadurecem.
Tristes maçãs de Inverno, esquecidas na prata esculpida dum anel bizantino.*

Ivo Machado é dotado de uma poderosa fantasia criadora, mas é conhecedor da limitação que o poeta possui: a palavra.

Desenho do riso (p.31), de *Os limos do verbo*

*Pudesse desenhar o riso e as linhas seriam curvas.
Para o escrever ficarei aquém do verbo que um rosto descreve.*

Hegel ainda afirma que a palavra é o modo de comunicação mais inteligível e a que mais convém ao espírito, um meio que permite apreender e exprimir tudo o que se agita nas profundidades da consciência, tudo o que habita as suas regiões aparentemente mais inacessíveis. Por isso, existem tantos escritos que nos tocam de alguma forma e outros que simplesmente não nos alcançam. Não nos interessam desabafo melancólicos ou divertidos que não nos provoquem algum sentido. A poesia não tem de ser difícil ou fácil, tampouco necessita de conexões lógicas; necessita, antes, comover o leitor que se encontra em consonância com o poeta e aberto à sua poesia. Pode parecer fácil ser tocado pela poesia, entretanto reconhecer seu discurso, alcançar sua fala exige re-conhecimento de mundo, e, como afirma Gérard Vigner, *só é legível o lido*.

Em *Os limos do verbo*, Ivo Machado divide seu livro em sete blocos, a saber: *Sal do mundo* com o poema denominado *Carta para os meus filhos*; *Afago da língua*, onde busca o mar; *Limos do verbo*, privilegia a palavra; *Quatro esboços*, relatos de história e memória; *Nas gavetas do meu quarto* em que contempla passado e memória; *Cartão de viagens*, suas necessárias viagens; e *Biblioteca da memória* que são os poemas de consideração a amigos e familiares.

Os poetas cantam o mundo, Ivo Machado canta sua ilha:

Revivificação (p.23)

*Do mar sempre regressarei por um abraço.
Depois ainda ao mar voltarei: sentir,
ver,
o rosto que com ele se confunde
Assim, água e sal revivificarão.*

Dos poemas nascem imagens transformadas que reconstróem o mundo. O mar, por exemplo, é o encontro do milagre da beleza e do mistério, sentimento do eterno e da finitude que se liga ao poeta. A palavra, por sua vez, tem tanto poder que seu uso é tão perigoso quanto urgente, pois mostra dor e alegria ao mesmo tempo em que pode levar ao esquecimento e ao erro; sua finalidade depende da intenção de quem a usa:

Palavras insubmissas (p.34)

*Sempre que o sol desnuda o verbo,
a água inunda o alfabeto
para que as palavras viagem
insubmissas.*

Há necessidade, então, de unir história à memória para manter vivo um passado que não se quer retornado, mas se quer gravado na poesia, visto que ela poderá penetrar seu leitor com a pretensão de possibilitar sua transformação, mesmo que não a perceba conscientemente. Enquanto alguns poemas de Ivo Machado são aparentemente simples e nos tocam facilmente; outros, em momentos de um profundo íntimo, nos chegam através de sua sensibilidade que aos poucos nos penetra, mesmo que não queiramos, de maneira desprevenida. As imagens criadas são como pinturas de cor e luz que nos levam a enxergar o que só vemos de forma despercebida, distraída. Suas palavras têm sangue que percorrem um corpo recheado de esperança pela vida. Ainda que qualquer passado tenha tentado manchar o espírito, a confiança do poeta no futuro, no comprometimento de cada um, permanece.

Milton Fornaro, poeta uruguaio, diz que *Os limos do verbo apelam ao húmos que se encontra nas terras de cultivo. É maleável como o barro - como o verbo, como o são todas as palavras para o poeta - mas é matéria orgânica, sustenta a vida. Maleável e vital, assim é o limo do verbo. O limo é basicamente terra e água, dois elementos sempre presentes nos poemas de Ivo Machado, filho de camponeses que nem diante da inclinação da Torre de Pisa, se pode esquecer da inclinação das macieiras carregadas de frutos no pomar de seu pai.*

Ivo Machado cria fortes imagens ligadas à terra, ao mar, às pedras que parecem brotar de si e de sua condição de homem insular, enraizado em sua cultura açoriana que, como afirma o escritor Assis Brasil, *não aparta o açoriano da comunidade portuguesa, mas o identifica perante seus patrícos continentais. E que rompendo com os limites da regionalidade, constrói um arcabouço de idéias em que o universal se faz presente, por discutir - no exame da experiência particular das Ilhas - todas as ansiedades, espantos e esperanças do ser humano.* E assim é Ivo Machado, poeta do azul infinito ou do infinito azul, que considera ser *uma felicidade poder nascer numa ilha, porque para mim a ilha não é clausura, mas, sim, um miradouro*(6).

E depois de tanto observar, de tanto buscar nesse infinito azul, o poeta vai em busca de mais. Em seu último livro, *Quilómetro zero*, ele dialoga com o leitor numa obra que, dividida em duas partes, busca a palavra simples e certa. Na primeira parte, denominada *Quilómetro zero*, mesmo título do livro, o poeta fala com seu leitor através de relatos de viagem em forma de poesia. Viagens interiores e exteriores, que por vezes se imbricam, se convertem em poemas. Viajar, para ele, é ler uma realidade que possa ser transformada, transmutada numa visão poética, num discurso literário. Dialoga com o leitor, conta suas viagens, suas emoções, suas recordações. Suas memórias recompõem, lembram o passado. Suas recordações revivem e presentificam o sentimento antes vivido que enraiza sua história e alimenta o imaginário.

Seu primeiro poema, *Inter-viagens* (p.13), retrata a importância de viajar, e ele diz que *o livro é uma viagem pelo interior de mim mesmo, uma viagem à minha infância, à minha adolescência, à minha memória. E uma viagem também pelo mundo.* Esse passado como tema do lírico é um thesaurus da recordação, e essa recordação é uma volta ao seio materno, no sentido de que tudo ressurgiu naquele estado pretérito do qual emergimos:

21 de julho de 1957(a meus pais) (p.69)

*Às vezes para não andar aos gritos
como esses acertados da vida
autômatos e maquináveis,
sento-me a fazer colares de missangas.
Devo estar mais caco que os cacos daquela rolote
onde em tempos me detinha madrugada dentro
para cerveja e um cachorro.
Não foi para não gritar, mas nunca como hoje
(meus pais fazem sua Bodas de Ouro)
estes dois mil quilômetros
subtraindo-me à casa paterna
me pareceram superiores ao diâmetro da Terra.
Ontem, minha mãe dizia por telefone:
- É para o ano!
Só agora, casando as missangas, vi o alcance
de tamanho engano. Não era a mim que enganava,
mas à sua alma, apenas.
Meu pai não podia mais as macieiras como podava
e minha mãe não faz nevar nas criptomérias
como dantes,
somam e multiplicam dispensando calculadoras,
não errando como erro, e errei
não me metendo num avião*

*para lhes entregar os dois colares acabados há pouco
como se brincasse com o meu primeiro carro
perdido há meio século, quase
- Um Ford, da matchbox.*

No presente, a recordação é o passado pura e simplesmente. Sentimento de afundar-se nas origens: *a minha poesia é uma poesia de memória, diz o poeta.*

Não só viagens interiores que ele privilegia, busca também discorrer sobre suas viagens pelo mundo, como no RS com o poema *Música*(p.17): *Se pudesse voltaria ao azul das janelas de Gravataí, roubaria o anjo que enfatua as magnólias no jardim; reconstruiria a erma estância da margem do Guaíba e seria poeira celeste mais, na tarde amarela, rubra; em Istambul, com o poema Postal para Ahmed Arif(25): - O meu cigarro cheira a cravo, dizia Ahmed Arif. Mas aquele que fumei no Pera Palas de Istambul, cheirava a perrexil. Claro, não há lava no Marmara nem aquele mar é gêmeo do meu, apesar do amável odor a abrótea na Estação de Sirkeci; ou em Sarajevo com Guerra (49): A guerra não é o fogo nem as balas, a guerra são as horas na estação ferroviária de Sarajevo sentindo antecipadamente os teus lábios como água da montanha, para mais tarde anunciarem tua morte quando meus lábios sabiam, pela fundura do silêncio das pedras, que não vivias mais nas rosas sob a luz.*

Todas essas viagens estão entrelaçadas a um passado/presente açoriano: *o azul das janelas, mar gêmeo ao meu, silêncio das pedras.* E é assim que Ivo Machado vai reescrevendo sua história, definindo e revelando o gráfico de sua existência, do seu modo de ser açoriano e de pertencer à ilha, mesmo estando longe. Esse mar sempre presente, esse azul infinito tão constante em seu universo açoriano é levado pelos fortes ventos e mistura-se a outras culturas e idéias que chegam a nós como tesouros literários a serem desvendados.

A segunda parte do livro, denominada *Poemas do Convento*, é composta por sete poemas resultantes da semana em que Ivo Machado esteve em clausura, num Convento das Clarissas Adoradoras, em Vila das Aves, entre 15 e 21 de março de 2007, uma iniciativa da autarquia de Santo Tirso: "A poesia está na rua". Essa experiência proporcionou um reencontro consigo próprio, "um período de introspecção, silêncio e viagem interior". Ivo Machado não se considera um religioso, mas um crente, um homem de fé apesar de ser filho de um tempo frenético (*Confesso também que vou um pouco à procura do silêncio neste mundo de ruídos*, diz o poeta) e esta possibilidade de clausura temporária pôde proporcionar um mergulho no silêncio para, através de suas memórias e histórias, conseguir ouvir respostas às suas inquietações. O objeto que o leva à introspecção faz parte de sua realidade, mas a maneira de vê-la, de senti-la e de expressá-la faz de sua poesia algo ímpar, singular. O poeta afirma que procurou dar à palavra o seu verdadeiro peso: *A poesia não se compadece de palavras bonitas. A poesia é muito mais do que isso.* E termino com uma das poesias que nasceu dessa clausura:

Inventário

*É grande o passado e profundo o silêncio
entre os seus monumentos mudos. Estudo
meu rosto nos rostos da máscara insolente
da idade, entre a última chuva da infância
e a chuva de há pouco
reconheço a voz que anuncia
- A memória é como água*

*Sigo um caminho
até ao fundo de mim mesmo.
Pressinto na luz o olhar de Deus,
e começo um salmo profético a preparar a Páscoa
porque sei que sem o lume novo, não se pode
homenagear o sol*

*É grande o passado e profunda a claridade
entre os muros da manhã.
Queria a fórmula da luz,
a fórmula perfeita da luz humana
para alcançar as pedras honestas
daquele que fui,
e continuo sendo algumas vezes*

*Sigo um caminho
até ao fundo de mim mesmo
como se viajasse nos territórios de um deus,
esse lugar que desejo acessível
como todos os lugares que amei,
e amo
como a uma mãe.*

REFERÊNCIAS

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia. Soa Paulo:Revista Via Atlântica, 1999.

BATISTA, Adelaide. Os açores na convergência dos olhares. http://www.adiaspora.com/_port/educa/trabalho/olharesade.htm

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Estética. 2. ed. Lisboa : Guimarães, 1964.

MACHADO, Ivo. Os limos do verbo. Vila Nova de Gaia: Editora Ausência, 2005.

_____. Quilómetro zero. Vila Nova de Gaia: Editores Nova pessoal Lda, 2008.

VIGNER, Gerard. O texto leitura e escrita. São Paulo: Pontes, 1997.

NOTAS

1Mestranda em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista do grupo de pesquisa, Literatura Açoriana Pós-25 de Abril, coordenado pelo Profº Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

2<http://www.carminagaleria.com/infinito.doc>

3 HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Estética. 2. ed. Lisboa : Guimarães, 1964

4MACHADO, Ivo. Os limos do verbo. Vila Nova de Gaia: Editora Ausência, 2005

5MACHADO, Ivo. Quilómetro zero. Vila Nova de Gaia: Editores Nova pessoal Lda, 2008

--

